

FHC culpa Congresso por juros altos e pela lentidão das reformas

Ed Ferreira/AE

Ele rejeita a fama de indeciso e diz que há 5 anos pede ao Legislativo "o óbvio"

ISABEL BRAGA

Enviada especial

RIO – O presidente Fernando Henrique Cardoso responsabilizou ontem o Congresso Nacional pela manutenção da política de juros altos no País. Segundo ele, o governo teve de manter as taxas altas porque não foi capaz de convencer o Congresso e a sociedade de que as reformas constitucionais “não eram exigência externa ou implicância do presidente da República”, mas “condição necessária para crescimento com prosperidade e com inflação baixa”.

Fernando Henrique disse que o déficit da Previdência pública e privada, incluindo o dos Estados, fica entre R\$ 50 bilhões e R\$ 60 bilhões, e este foi o “custo da falta de coragem” de fazer uma reforma correta da Previdência Social. As duras críticas ao Congresso foram feitas ontem, na abertura da 33.^a Convenção Nacional de Supermercados e criou uma reação imediata das principais lideranças no Congresso.

Em Brasília, os presidentes do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), e da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), defenderam a atuação do Legislativo e devolveram as acusações. Segundo eles, o Congresso não vota porque o governo não se empenha.

O presidente ouviu críticas feitas pelo presidente da Associação Brasileira de Supermercados, José Humberto Pires de Araújo, e pelo presidente do Conselho de Administração da *Gazeta Mercantil*, Herbert Levy, à política de juros altos e à não aprovação da reforma tributária.

Com pesquisas apontando



Discurso na Abras: “A indecisão não é do presidente, é de quem posterga, de quem não vota”

uma queda ainda maior em sua popularidade e na tentativa de reafirmar sua autoridade, Fernando Henrique criticou a demora na aprovação da reforma tributária, afirmando que há cinco anos pede ao Congresso “o óbvio”. “A indecisão não é do presidente da República, é de quem posterga, de quem não vota, de quem adia, de quem não aparece, não comparece, de quem tem medo de votar”, afirmou.

Ele lembrou que no início de seu primeiro mandato reuniu as bancadas dos partidos aliados para mostrar a importância da reforma previdenciária e o Congresso demorou mais de quatro anos para aprovar uma versão “tímida” porque barrou a exigência da idade mínima

para a aposentadoria.

Fernando Henrique voltou a dizer que acredita que no próximo ano o Brasil terá juros nominais de 13,5%, uma inflação máxima de 6% ao ano e um piso de crescimento econômico de 4%. “Para nos outros anos ultrapassarmos os 5%, condição necessária para o Brasil respirar mais confiante, seguro, feliz.” O presidente destacou os avanços positivos da estabilidade econômica, que permitiu a incorporação de 11 milhões de brasileiros ao mercado de consumo.

“É o bolso do povo que precisa da estabilidade”, disse Fernando Henrique. “Fomos encontrar forças na compreensão do consumidor e na ação enérgica dos supermercadistas que se recusaram a servir de ponte para especulações descabidas”, ponderou. No encerramento, agradeceu: “Obrigado por terem lutado pelo Brasil.”

**ALIADOS
VÊM FALTA
DE EMPENHO
DO PLANALTO**